

PANDEMIA, E AGORA? EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO EM MODO REMOTO DO PROJETO “INSETOS, E DAÍ?”

VICTÓRIA AMARAL DOS SANTOS¹, TAIANE SCHWANTZ DE MORAES²,
SABRINA LORANDI³, JOYCE DE MORAIS SOUZA⁴, GABRIELE MARIA DA SILVA
LOSS⁵; CRISTIANO AGRA ISERHARD⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – UFPel – amaralsvictoria@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel – tai.schwantz@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – FURG – sabri_lorandi@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – UFPel – joycedemoraissouza@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – UFPel – gab.mloss@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – UFPel – criatianoagra@yahoo.com.br

Introdução

A extensão universitária tem o papel de transpor os conhecimentos científicos para além da universidade, respondendo às demandas da comunidade, promovendo diálogos horizontais com a sociedade e reconhecendo-a como detentora de conhecimento empírico (PAULA, 2013). Neste caso, é de fundamental importância que a extensão universitária promova a democratização do conhecimento científico de forma interdisciplinar, construindo junto à sociedade um melhor panorama da realidade (SERRANO, 2013). Desta forma, a extensão faz com que o diálogo entre ambas as partes levante problematizações e, desta interação, resulta o aperfeiçoamento do senso crítico (FREIRE, 1983).

O projeto de extensão “Insetos, e daí?” (“Conhecer e ressignificar as relações com os insetos junto à comunidade rural de Canguçu e Morro Redondo, Rio Grande do Sul”) foi desenvolvido a partir de pesquisas sobre diversidade de abelhas, formigas e borboletas, em diferentes sistemas de cultivo em propriedades de agricultura familiar localizadas nos municípios de Morro Redondo e Canguçu. Tais pesquisas foram realizadas pelos Laboratórios de Ecologia de Lepidoptera (LELEp) e de Comportamento e Ecologia de Formigas (LaCEF), ambos localizados no Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com enfoque na divulgação científica dos resultados obtidos juntos aos(as) proprietários(as) rurais, e posteriormente para o público pelotense em geral, o projeto propõe a inserção junto à comunidade de temas envolvendo ecologia dos insetos, relacionando com serviços ecossistêmicos, produção de alimento e com o nosso cotidiano, buscando desmistificar certos preconceitos da relação humano-inseto. Desta forma, o projeto visa aproximar a comunidade rural e a comunidade acadêmica, abrindo espaço para debates, que proporcionem a troca de conhecimentos e experiências sobre assuntos relevantes para a atualidade e que dialoguem com a realidade local.

O primeiro ano do projeto (2019) foi marcado por atividades presenciais em diferentes feiras e eventos de rua. Já para o ano de 2020, foi planejado, além da manutenção dessas atividades, a realização de oficinas para alunos(as) e professores(as) em escolas públicas das áreas rurais onde foram realizadas as pesquisas. No entanto, com a pandemia acometida pelo coronavírus SARS-CoV-2, se tornou inviável a realização de atividades presenciais, sendo necessário reinventar o projeto, visando manter as atividades extensionistas no formato remoto. Desta forma,

o presente trabalho tem o intuito de compartilhar suas experiências frente a uma nova forma de fazer extensão através da divulgação científica em mídias e redes sociais do projeto “Insetos, e daí?”.

Metodologia

No ano de 2020 a forma de realizar as atividades extensionistas sofreu uma completa modificação e reestruturação. Como resposta, o grupo começou a se reunir através da plataforma de *Webconference* da UFPel para planejar as ações no formato remoto, e desde então, são realizadas reuniões virtuais semanalmente. Além disso, também é frequentemente usado para comunicação o grupo de *Whatsapp* do projeto, sendo este prático e eficiente para debates e decisões mais simples. A primeira ação de 2020 foi a reformulação das redes sociais (*@insetosedai* e *facebook.com/insetosedai*), que passaram a ser utilizadas como principal meio de divulgação científica. Assim, começaram a ser confeccionadas postagens semanais sobre aspectos de ecologia, biologia, história natural, comportamento, interações e conservação dos insetos, buscando embasamento teórico em artigos científicos e transpondo seu conteúdo para uma linguagem simples e acessível.

Nas quartas-feiras, as postagens abordam o tema ecologia de insetos, associado a problemáticas atuais, como a própria pandemia, ou com datas comemorativas (e.g. Dia Internacional da Biodiversidade, Dia da Terra). Ademais, o projeto aborda a caracterização dos diferentes biomas do Brasil e a importância dos insetos associados a estes. Nas quintas-feiras postamos nos *stories* do *Instagram* termos usados em ecologia e morfologia de insetos, construindo assim um glossário que fica disponível nos destaques da página para que o público consulte caso surjam dúvidas sobre termos citados nas postagens. Já nas sextas-feiras, temos um quadro fixo intitulado “Ciência através das lentes”, onde são usadas fotografias de autoria dos membros do grupo para elucidar e explicar interações inseto-planta ou inseto-inseto dentro de um contexto ecológico. Também são feitas postagens em dias esporádicos apresentando os membros da equipe do projeto e o que cada um vem desenvolvendo de pesquisa no LELep e LaCEF. Além disso, são realizados jogos de perguntas, nos quais são feitas perguntas a respeito de mitos sobre os insetos, e posteriormente as perguntas com maior percentual de erro são respondidas em vídeos curtos pelos extensionistas. Para cada postagens são montados diferentes *designs* na plataforma *on-line* “Canva”.

Com o intuito de conhecer melhor o público que nos acompanha nas redes sociais, criamos um questionário pela plataforma “*Google forms*” e divulgamos nos perfis do *Instagram* e *Facebook* do projeto. Esse questionário continha perguntas sobre idade, formação, gênero e duas perguntas teste, onde fazíamos questionamentos sobre conceitos abordados em duas postagens (uma mais teórica e outra mais esquemática) para verificar se o conteúdo estava de fácil entendimento. Além disso, abrimos espaço para críticas e sugestões sobre as postagens, visando atender às demandas do público para aperfeiçoarmos nossas postagens.

Em conversa com um dos agricultores foi relatado que muitos(as) agricultores(as) ainda utilizavam as rádios como principal forma de obtenção de informação. Com isso, entrou-se em contato com duas rádios, uma de cada município (Morro Redondo e Canguçu), para verificar a possibilidade de gravarmos uma entrevista. O programa “Alô, alô Morro Redondo”, da rádio Bonfim 87.9 FM, abriu espaço para que pudéssemos apresentar nosso projeto em um áudio previamente gravado. Este áudio foi disponibilizado para a assessoria de imprensa de Morro

Redondo e também para grupos de *Whatsapp* com agricultores(as) da região. Para planejamento da gravação da entrevista foi realizada uma reunião prévia com o grupo e um representante dos agricultores da região, que levou as demandas e questionamentos mais latentes dos agricultores(as) sobre as pesquisas realizadas. Após isso, o grupo estudou sobre as questões previamente levantadas, e posteriormente outra reunião foi realizada para a gravação da entrevista, com o agricultor sendo o interlocutor e mediador da entrevista

Resultados e discussão

Desde a primeira postagem em 17 de abril até 25 de setembro de 2020 a rede social *Instagram* apresentou um crescimento de quase 300% no número de seguidores (229 para 889 seguidores) e na quantidade de postagens (22 para 81 publicações). No *Facebook* não temos os dados de curtidas e seguidores de quando começamos a utilizar as redes sociais para divulgação científica, mas atualmente contamos com 684 curtidas na página e 691 seguidores e um total de 89 postagens. Isto indica que redes sociais do projeto estão em constante crescimento e alcançando um público cada vez maior por postagem. O uso das redes sociais como meio de divulgação propiciou ao grupo explorar novas formas de produzir conteúdo didático e interativo, aprendendo a elaborar ilustrações, produzindo vídeos e praticando meios de promover a acessibilidade de forma digital com textos alternativos e legendas.

FALEIROS, et al. (2016) afirmaram que questionários *on-line* podem ter maior taxa de resposta, porém, nosso questionário foi respondido por apenas 41 pessoas. Com as respostas mais frequentes podemos ver que 43,9% do nosso público possui ensino superior completo, sendo que destes, 78,3% possui formação na área de Ciências Biológicas. Com base nisso, percebemos que nosso público é majoritariamente composto por biólogos(as) ou estudantes e profissionais de áreas afins, com interesse e conhecimento prévio dos assuntos abordados, o que pode explicar o entendimento das postagens e alta porcentagem de acertos. Além das perguntas, ao final do questionário era possível deixar críticas e sugestões sobre como os assuntos e modelos eram abordados, sendo que as sugestões mais frequentes se referiram (i) ao uso de mais imagens ilustrativas, (ii) a diminuição na quantidade de texto, (iii) a simplificação da linguagem para torná-la mais acessível; (iv) ao uso de cores mais atraentes e mais claras para o *design* das postagens. Assim, começamos a implementar essas sugestões com o intuito de realizar a divulgação científica de forma mais atraente ao público.

Utilizando um formato *on-line* do projeto descobrimos uma nova forma de fazer divulgação científica e melhor exploração de recursos, porém, percebemos o distanciamento do público alvo, os(as) agricultores(as). Tendo em vista que boa parte dessas pessoas não têm acesso a *internet*, tampouco redes sociais, nossa entrevista na rádio foi fundamental para ter um alcance importante e continuar a divulgação das nossas pesquisas para o público principal contemplado desde a concepção deste projeto. Embora a rádio tenha perdido espaço para outros meios de comunicação, ainda está muito presente no meio rural (FRAGA et al., 2017). Logo, o uso de rádio para conseguir levar material até os(as) agricultores(as) pode ser eficiente neste período de pandemia. A entrevista se deu de forma fluida, muito semelhante a uma “roda de conversa”, onde todos fizeram contribuições importantes sobre às questões levantadas, oportunizando a troca de conhecimentos entre extensionistas e o agricultor interlocutor. A preparação, gravação e edição do áudio promoveu uma nova experiência para os extensionistas que trouxe *feedbacks* positivos tanto de dentro do

grupo, quanto do agricultor interlocutor e demais agricultores(as) através de mensagens relatando a aprovação do material e parabenização pelo trabalho.

Conclusão

O processo de fazer extensão e divulgação científica está sempre em constante aperfeiçoamento, assim como os próprios extensionistas. É essencial mantermos esse comprometimento em buscar novas formas de nos comunicarmos com a sociedade e nos conectarmos com nosso público alvo. A democratização do conhecimento científico se faz urgente na nossa sociedade. Somente trazendo a comunidade para próximo da universidade conseguiremos concretizar isso a fim de resgatar a credibilidade e valorização da ciência por todos(as).

Referências bibliográficas

BRITO, V. B. Divulgação científica nas redes sociais: breve olhar sobre o conteúdo jornalístico da universidade do estado do Amazonas no facebook.in: **Intercom**, Rio de Janeiro, 2015.

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces**, v.1, n.1, p 05-23, 2013.

FRAGA K. L.; FIÚZA A. L. C.; SILVA J. F.; MOTTA J. A. A relação das sociedades rurais com o rádio na contemporaneidade. **Espacios**. v. 38, n. 34, p. 19 - 30, 2017.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 117 p.

SERRANO, R. M. D. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**, v.13, n.8, 2013.